

Caderno




IMPRENSA
OFICIAL/ES

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano V - n.º 30 • Vitória-ES • Novembro de 2015 • Bimestral

Uma vida em mosaico

RAPHAEL SAMÚ, RADICADO NO ESPÍRITO SANTO, É UM
DOS MAIS IMPORTANTES MOSAICISTAS DO BRASIL

Páginas 6, 7, 8 e 9



PONTOS DE CULTURA
EM TODO O ESTADO

Páginas 3, 4 e 5

A DURA VIDA DE
FOTÓGRAFO NA ERA
DAS SELFIES

Páginas 10 e 11

O mosaico e o Espírito Santo

Nada representa melhor o Espírito Santo do que o mosaico. A mescla cultural, a influência dos vários povos que iniciaram o povoamento do Estado, a diversidade do nosso turismo, da culinária. Enfim, as várias manifestações culturais que tomam conta de uma

Nesta edição, a arte em mosaico de Raphael Samú, um paulistano que virou um grande artista, reconhecido no Brasil e no mundo, já no Espírito Santo, onde mora desde o início dos anos de 1960, parece uma homenagem ao Estado. A obra mais conhecida de Samú e de maior porte agoniza em uma das entradas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), desgastada pelo tempo e pela falta de cuidado com sua preservação.

“A ARTE EM MOSAICO DE RAPHAEL SAMÚ, UM PAULISTANO QUE VIROU UM GRANDE ARTISTA, RECONHECIDO NO BRASIL E NO MUNDO, JÁ NO ESPÍRITO SANTO, **ONDE MORA DESDE O INÍCIO DOS ANOS DE 1960, PARECE UMA HOMENAGEM AO ESTADO.**”

Como o trabalho de Samú, destacamos os pontos de cultura do Estado, trabalhados pela Secult, a paixão pelo vinil, a relação de Cariê Lindenberg com os livros e o mercado para os fotógrafos nos tempos de *selfies* e de máquinas digitais e celulares, que registram todos os

momentos, especialmente das gerações mais jovens.

região tão pequena e de tanta importância e que transformam as terras capixabas em uma das mais interessantes do País.

Boa leitura! ■

A magia de Miró

“A magia de Miró”, no Palácio Anchieta, é mais uma exposição a brindar o público capixaba. O artista catalão, um dos mais conhecidos do movimento surrealista, assina as 69 obras. Compõem a mostra fotografias de Alfredo Melgar, que retratam um pouco da vida de Juan Miró. As ilustrações correspondem a diferentes épocas, entre 1962 e 1983. Vitória foi a oitava capital brasileira a abrigar a exposição.



Caderno D

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora-presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO
Diretor de Produção e Comercialização

GETÚLIO DARCY CURTY PIRES
Diretor Administrativo-financeiro

SECULT
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção
Sérgio Egito e Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão
Companhia de Comunicação

Fotografia
Samuel Vieira

Projeto gráfico e editoração
Comunicação Impressa

Jornalista responsável
Cláudio Rocha

Impressão
Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado no site www.dio.es.gov.br

*Pulsa Diversidade
na Rede*

Cultura Viva ES

**Uma profusão de atividades
com gestão compartilhada entre
o poder público e a sociedade**



Foto: Erika Piskac / Arquivo Secult

>>

Na França, em 2005, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) adotou a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. “A diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade”. Essa afirmação abre a convenção e coloca a diversidade cultural no centro do debate do que é próprio do humano, o que caracteriza a essência da humanidade.

Vários foram os avanços, mas o ponto central foi garantir aos países a criação de mecanismos de proteção e promoção da cultura local contra a homogeneidade e a uniformização da cultura no contexto da globalização, especialmente em relação ao avanço da indústria do entretenimento. As expressões culturais do mundo, a partir da convenção, não são regidas pelas regras da Organização Mundial do Comércio (OMC).



Assim, é possível garantir os direitos culturais das comunidades e dos povos para além dos interesses econômicos.

O Brasil, signatário da convenção, teve papel fundamental na articulação para aprovação. O então ministro da Cultura, Gilberto Gil, visitou vários países da África, da Ásia e da América Latina para discutir a importância daquele momento para diversidade cultural do mundo.

Mas quais foram as ações que os estados nacionais cria-

“O GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, POR MEIO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (SECULT),

ADERIU AO CULTURA VIVA EM 2009. O EDITAL DE SELEÇÃO FOI PUBLICADO EM 2010 E VINTE PONTOS DE CULTURA FORAM SELECIONADOS.”



Fotos: Arquivo Secult

ram para promover e proteger a diversidade das expressões culturais?

Nesse mesmo período, nasceu no Brasil o programa de promoção da cidadania e da diversidade cultural brasileira e que materializaria o desejo de ampliar o universo do campo da cultura: o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva.

O Cultura Viva foi criado e regulamentado por meio das portarias nº 156, de 6 de julho de 2004, e nº 82, de 18 de maio de 2005, do Ministério da Cultura e tem como objetivo ampliar o acesso da população brasileira aos meios e condições de exercer seus direitos culturais e potencializar as iniciativas já realizadas pela sociedade civil no campo da cultura.

O Ponto de Cultura é a ação prioritária do Cultura Viva. Como parceiro do Estado para implementação das políticas de cidadania e de diversidade cultural, os pontos agregam agentes culturais que articulam e impulsionam um conjunto de ações em suas comunidades. Não tem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e a sociedade civil. A adesão ao Cultura Viva é voluntária, realizada a partir de chamamento

público, em editais lançados pelo Ministério da Cultura, pelos governos estaduais, municipais e distrital. Eventualmente, outras instituições públicas podem ser responsáveis pelo chamamento público.

Após um longo e intenso período de discussão, o programa foi redesenhado e em 22 de julho de 2014 foi sancionada a Lei federal nº 13.018, que instituiu a Política Nacional de Cultura Viva (PNCV), transformando o programa em política do estado brasileiro. A referida lei garantirá a perenidade da PNCV independente das alternâncias de governo a cada quatro anos.

O Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), aderiu ao Cultura Viva em 2009. O edital de seleção foi publicado em 2010 e vinte pontos de Cultura foram selecionados.

Além dos pontos de Cultura conveniados com a Secult, somam-se à Rede Cultura Viva ES cinco pontos de Cultura e três pontões de Cultura conveniados diretamente com o Ministério da Cultura, cinco pontos de Cultura conveniados com a Prefeitura Municipal de Vitória, 17 pontos



de Leitura, cinco pontinhos de Cultura, e um Ponto de Memória.

A diversidade cultural pulsa no Espírito Santo. Pulsa nas rodas de Jongo, Caxambu e Capoeira, nas Folias de Reis e Reis de Boi, pulsa no Ticumbi. Pulsa



no tambor de Congo. Pulsa nos terreiros, no bate flecha. Pulsa também nas baterias das escolas de samba. Pulsa na música, nos teatros, na dança. Pulsa nas lonas de circo e nos espetáculos de rua. Pulsa ainda nos cineclubes e no registro audiovisual das histórias de pessoas comuns. Pulsa nas comunidades pomeranas, italianas, suíças! Pulsa nas bibliotecas e museus comunitários.

A Política Nacional de Cultura Viva desvela e releva parte da Diversidade Cultural Capixaba. E que a Cultura Pulse Viva no Espírito Santo! ■

Artigo – Heraldo Plotegher – Músico, arranjador e compositor. Gerente de Cidadania e de Diversidade Cultural da Secretaria de Estado da Cultura.



Fotos: Arquivo Secult

Juntando pedaços de vida

As pedras e outros materiais que se somam nos mosaicos de Raphael Samú, um dos maiores mosaicistas do País, estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo. No Estado, a sua obra mais conhecida está na entrada da Ufes

Raphael Samú recebe os admiradores da sua obra no atelier que tem em seu apartamento, uma cobertura de dois andares, na Praia da Costa, Vila Velha. Do local, o artista plástico paulista, radicado no Espírito Santo e reconhecido como uma dos maiores mosaicistas brasileiros pode ver o mar enquanto trabalha, muitas vezes na companhia serena e amável da mulher, Jerusa Samú, com quem tem um casamento artístico há mais de 55 anos. Além de produzir suas próprias obras, ela ajuda na colocação dos peda-

ços de alguns dos mosaicos do companheiro e confessa palpites eventuais nas combinações de cores, uma especialidade da sua formação de professora de Artes e de artista plástica.

É dali, do atelier que ocupa o seu cômodo com melhor visão do mar, que sai a inspiração, hoje, para as muitas obras que ele nunca deixou de produzir. A diferença entre o artista do presente, aos 86 anos de vida e quase 60 dedicados ao mosaico, e do passado, mais jovem e sempre requisitado, é que Samú não precisa mais se render às necessidades



doados aos amigos ou à igreja Maranata, religião que segue. “Não preciso mais vender, não quero mais vender meu trabalho. Agora, só quero me divertir com a minha arte.”

História ameaçada

A obra mais conhecida do artista sofre com o desgaste do tempo. O mural de 140 metros quadrados, em uma das entradas da Ufes, em frente à Avenida Fernando Ferrari, é o seu maior mosaico e foi concretizado no início dos anos de 1970. O desgaste da obra, reclama Jerusa, podia ser resolvido facilmente, aproveitando as orientações do marido, por grupos de restauradores da própria Ufes.

A proposta do autor com o mosaico gigante foi refletir aquele tempo e a missão da universidade, de desenvolvimento do conhecimento, da ciência – é importante lembrar que isso tudo aconteceu no período mais denso da Ditadura Militar e seus mecanismos pesados de censura. Samú conseguiu

“NÃO PRECISO MAIS VENDER, NÃO QUERO MAIS VENDER MEU TRABALHO. **AGORA, SÓ QUERO ME DIVERTIR COM A MINHA ARTE**”



econômicas. Aposentados como professores da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), ele e a mulher vivem sem percalços. “Agora não quero mais vender a minha obra”, dispara o mosaicista, que sempre se arriscou com sucesso por outros gêneros das artes plásticas, em especial a xilogravura em madeira e metal.

De uns tempos para cá, Samú dá todo o tempo que ainda consegue dedicar às artes para a produção de mosaicos que são



obra, entre as mais comentadas do Brasil, fruto de vários estudos, o mosaico tem uma outra representação para o artista. Samú foi professor da Ufes por 28 anos – o primeiro diretor do Centro de Artes na época da federalização do curso de Belas Artes e um dos criadores do Conselho Universitário. Como professor, ministrou as disciplinas de Gravura, História da Arte e Mosaico, esta última oferecida pela primeira vez por uma universidade.

Além do mosaico da Ufes, outras de suas obras de rua em Vitória, que podem ser vistas por todos, são a do Departamento de Estradas de Rodagem (DER-ES) e a do edifício Real Café, do Grupo Buaziz.

Paulista e capixaba

O artista maduro, reconhecido no Brasil, concretizou-se

driblar a censura e rememora a sua criação considerada visionária. O ex-professor da Ufes explica que se aproveitou da ficção das histórias em quadrinho de Flash Gordon e suas viagens interplanetárias, transformadas em realidade pela chegada do homem à lua, como símbolo do desenvolvimento de pesquisa. Os alunos de calça curta representam os meninos se transformando em homens e os números e imagens finais, os computadores ou o futuro.

Além da importância da



no Estado. Acostumado a somar pedaços, Raphael Samú começou suas aventuras com o mosaico na Cia. Vidrotil, em São Bernardo do Campo, São Paulo, depois de passar pela Escola de Belas Artes de São Paulo, na qual ingressou em 1949 como aluno, saiu formado em Escultura e, um pouco mais >>

**“ELE MOSTRA O MEU
TRABALHO POR
ONDE VAI E AS
PESSOAS ACABAM
ME CONVIDANDO
PARA EXPOR OU
QUERENDO COMPRAR
MINHA OBRA”**

tarde, assumiu a função de professor. Sua trajetória de três anos e meio na companhia paulista e na Escola de Belas Artes, no estado onde nasceu, foi interrompida quando se apaixonou por Jerusa e acabou aceitando o convite para mudar para o Espírito Santo.

Na época, a menina militante na política estudantil chamou a atenção do artista. Um mosaico que guarda no atelier, com imagem do ex-prefeito, ex-governador de São Paulo e ex-presidente da República, Jânio Quadros, o faz viajar no tempo. Ele conta que o então governador recebeu



Samú e a mulher Jerusa, uma parceria de amor e de arte

um grupo de professores e alunos da Escola de Belas Artes de São Paulo, que pediam mais recursos para a instituição, e se encantou com a posição da Jerusa. Quando saíram do encontro, o governador prometeu uma bolsa para a estudante. “No outro dia, recebi uma ligação no Diretório Acadêmico.

A pessoa dizia que era o governador e eu achei, claro, que era uma brincadeira. Ele disse que tinha liberado minha bolsa. Um mês depois, o dinheiro estava na minha conta”, revela Jerusa.

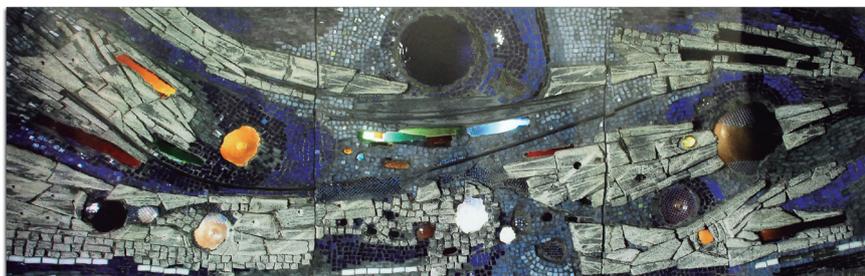
Em 1961, já casados, Jerusa e Samú mudaram para Vitória. Em pouco tempo, o artista virou



professor da Escola de Belas Artes do Espírito Santo, que seria federalizada e incorporada à Ufes mais tarde.

Pelo mundo

Para compor seus trabalhos, Raphael Samú contou com várias influências, especialmente nas muitas viagens que fez pelo mundo. No exterior, chegou a expor suas obras em mostras individuais – a última foi “A arte luminosa do Mosaico – Raphael Samú, no Museu Jan Van Der Togt, em Rotterdam, na Holanda, em 2013 –, por conta da influência do sobrinho diplomata, Alexandre Gueiros, que trabalha na Embaixada do Brasil naquela cidade. “Ele mostra o meu trabalho por onde vai e as pessoas acabam



me convidando para expor ou querendo comprar minha obra”, disse o artista.

A trajetória desse artista já meio capixaba foi contada algumas vezes, em obras sobre as artes plásticas no Espírito Santo e sobre o próprio Raphael Samú, como no livro Samú, um projeto de Marcela Belo Gonçalves, com texto de José Cirillo. Nessa pesquisa, há registro de várias obras espalhadas, principalmente, por edifícios do Centro de Vitória, mas que não resistiram ao tempo, como os belíssimos murais

do Edifício Alexandre Buaiz, de 1959, antes do artista se mudar definitivamente para o Estado, e Pescadores, na varanda de uma residência.

A pesquisa de Marcela Belo revela que Samú aprimorou conhecimentos, nos tempos da Vidrotil, na produção de obras murais em tesselas de vidro e que executou trabalhos para artistas brasileiros do peso de Di Cavalcante, Lívio Abramo, Clóvis Graciano e Cândido Portinari. O seu trabalho já foi exposto também na Bienal de São Paulo. ■



Mais vale um olhar afiado

Em tempos de selfies e instagam, fotógrafos profissionais acreditam que o talento faz a diferença e garante mercado

São múltiplos aplicativos disponíveis, uma onda das *selfies*, câmeras fotográficas digitais nos celulares, *smartphones* e *tablets*, algumas com ótima resolução, e o inegável fascínio das novas gerações pela reprodução da própria

imagem. Essa explosão tecnológica ao alcance de todos acaba tumultuando o mercado dos fotógrafos profissionais. Mas nada como o olhar de um bom fotógrafo para fazer a diferença e garantir o espaço em um mercado cada vez

mais afetado, para o bem e para o mal, por esse avanço tecnológico.

Fotógrafos que atuam no Espírito Santo acreditam que a grande diferença está na velha e boa capacidade de exercer um olhar diferente.

Zanete Dadalto

Sabor aguçado - Como fotógrafa e professora de fotografia há mais de 20 anos, o que percebo é: com mais pessoas registrando e manipulando imagens, a tendência é o aguçamento do senso crítico e estético sobre a imagem foto-

gráfica e suas possibilidades. O conhecimento da técnica fotográfica ou parte dela não faz de uma pessoa um bom fotógrafo, da mesma forma que você saber ler e escrever não faz de você um escritor ou poeta.

Olhar e paixão - A habilidade, o conhecimento da linguagem fotográfica, do aparato técnico, o repertório cultural, a sensibilidade, o olhar do indivíduo e, principalmente, a sua paixão por produzir imagens são o que tornam alguém um bom fotógrafo. Para que um fotógrafo se destaque, é necessário que ele pense a imagem, a melhor maneira de destacar uma cena, produto ou informação,

interprete a luz e as formas e registre imagens fotográficas expressivas e simbólicas.

Zanete Dadalto é fotógrafa, graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (1989) e especialista em Estudos da Imagem e Mídia pela Faculdade Cândido Mendes de Vitória. Atua há 16 anos como professora de Fotografia, Fotojornalismo, Fotografia Publicitária na Faculdade Integradas São Pedro em Vitória. Participou de várias exposições fotográficas e da publicação de quatro livros. Paralelamente, desenvolve projetos fotográficos nas áreas de meio ambiente e cultura popular e memória.

Imagem valorizada - O que aconteceu foi um grande aumento da comunicação por meio de imagens e isso é positivo para quem vive de fotografia. A quantidade de imagens produzidas e propagadas aumentou muito, mas a grande maioria de baixa qualidade e produzida com celular.

Impacto - O profissional continua produzindo imagens para seus clientes, mas agora não só para os meios “físicos” como jornais, revistas, livros, folhetos e panfletos, mas também para os meios digitais. As milhões de imagens propagadas nas redes sociais têm o seu



Ameaça - Até certo ponto, as novidades tecnológicas contribuem para a desvalorização do mercado de fotografia. Com a máquina digital é mais fácil fazer fotos bonitas por causa dos recursos tecnológicos e pela facilidade de fazer e refazer. Por isso, possíveis clientes se arriscam com fotógrafos amadores, muito mais preocupados com preço do que com qualidade técnica. Há também uma excessiva oferta de mão de obra barata e é muito difícil explicar para



papel no jornalismo, hoje, no registro do acontecimento. De qualquer forma, os jornais não podem contar somente com essas imagens que chegam pelos leitores.

Olhar diferente - O diferencial do profissional será sempre o olhar fotográfico, a sensibilidade para produzir uma imagem diferenciada e com resultado garantido. As empresas, que trabalham com fotografia de qualidade, não podem correr riscos de trabalhar com amadores e ter de refazer trabalhos que na maioria das vezes não podem ser refeitos. O profissional diferencia-se do amador, principalmente, com a sensibilidade no olhar, que é desenvolvida durante anos

de estudo e experiências. O fotógrafo deve investir constantemente na atualização, na compra de livros e pesquisas de fotógrafos e sempre aprimorar a sua fotografia.

Tadeu Bianconi *conheceu a fotografia quando cursava Publicidade e Propaganda, mas aprofundou-se nessa arte durante uma temporada na Alemanha. Publicou três livros, dois só com imagens do Espírito Santo. Trabalha para empresas como Petrobras, Vale e Editora Abril. Participou de diversas exposições no Estado, além de mostras na Alemanha, Áustria, Noruega, Bulgária e México. Professor de Fotografia, hoje é sócio da agência de fotografia Mosaico Imagem.*

Samuel Vieira

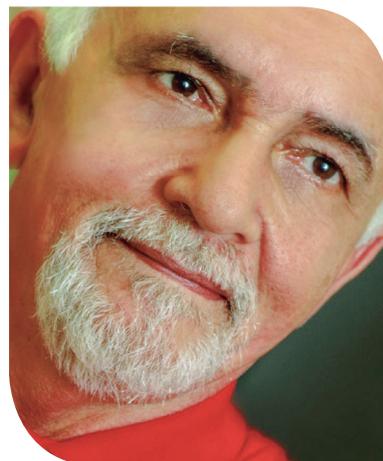
alguém que não conhece fotografia a diferença entre uma foto boa e uma ruim.

O conhecimento que salva - Em algum momento o leigo não vai conseguir fazer uma boa foto, porque falta conhecimento de como utilizar luz, cor e outros recursos da máquina. São muitos os casos de contratação de fotógrafo para refazer serviços desses “amadores”.

Samuel Vieira *fez curso de fotojornalismo no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1984, onde iniciou sua carreira. Em 1986, mudou-se para Vitória e passou a trabalhar no jornal A Gazeta. Em 1990, trabalhou como repórter fotográfico na sua primeira, de oito cam-*

panhas políticas, que gerou o livro Sim Companheiro, narrando a trajetória do político Albuíno Azeredo até o Palácio Anchieta. Passou pelas editorias de Fotografia e Projetos Especiais do Jornal do Brasil e, hoje, atende a Agência Folha no Espírito Santo. Atua ainda na realização de projetos culturais, como “Quilombos do Brasil 1995 - 300 anos de Zumbi dos Palmares”, exposto em Cuba em outubro de 1996, e, no momento, desenvolve o “Caleidoscópio Urbano – Múltiplas facetas de tempo e espaço em bairros de Vila Velha”, e o “Duas Bocas”, incentivado pela Lei João Bananeira, de Cariacica. Recebeu, em 2014, o prêmio nacional Edison Carneiro, de fotografia.

Humberto Capai



Globalização, tecnologia e banalização - A globalização imprime várias marcas em todos os setores e profissões. Destaco uma exacerbação da depreciação da mão de obra, de serviços e produtos, no sentido de barateamento. A fotografia não ficou fora dessa avalanche. A diferenciação da atividade fotográfica amadora e profissional passou a exigir mais do profissional, que tem de apresentar um trabalho mais elaborado, com mais embasamento de conteúdo (da fotografia) e técnico.

Mercado - O difícil é que empresas entenderam para si próprias, e isso não é nada novo, a necessidade de desenvolver produtos e serviços e, por conseguinte, terem parceiros como fotógrafos e outros, pautadas em valores mais humanos, que tragam uma sustentabilidade de suas atividades e da construção de processos que valorizem todos os que se envolvem nele e apontem para uma sociedade mais justa em que todos possam desenvolver suas atividades com maior dignidade. Como buscar qualidade em profissionais e na sua produção se o critério primeiro e mais forte é o lucro? A diferença está entre os setores do mercado que têm ou não essa separação, que trabalham nessa ou na perspectiva que aponto acima.

Humberto Capai *é mestre e especialista em Educação e licenciado em Física. Além de fotógrafo, é sócio-proprietário da Usina Imagem e professor adjunto da Ufes. Editou e fotografou para livros como Muqui, Terra de Reis, Espírito Brasileiro, Espírito Santo Veredas, Atlas do Folclore Capixaba, Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo: 120 anos de história, Mar de Âncoras: O Comércio Exterior do Espírito Santo; fotos e a Coordenação Editorial, Canaã, Mão e Obra: artesanato no Espírito Santo, Poesia & Mar, Vila Velha da Senhora da Penha, Catraieiros da Baía de Vitória, Passeio pelo Centro de Vitória na Companhia de Rubem Braga.*

Parar para Ouvir

A experiência do vinil proporciona uma contemplação do objeto e o consumo mais atento da música

Por que, afinal de contas, quase em 2016, alguém ouviu discos de vinil? Antes de responder, vou até a vitrola, coloco para rodar o último disco que comprei – *Luz*, de Chico Buarque, álbum de 1980 – num sebo na Rua da Lama, em Jardim da Penha. Essa atitude não me remete a nenhuma memória anti-

Ana Cañas, Marcelo Jeneci, Maria Gadú, Roberta Campos, Karina Buhr, Rodrigo Amarante e muitos outros. Portanto, não existe nada daquela bobagem de ser alguém preso ao passado ou nostálgico. Há muita juventude nesse tipo de mídia.

Ao mesmo tempo não é um consumo exclusivo do vinil, não me privo de ouvir músicas também no Spotify, Vevo, Youtube, etc., de baixar álbuns e ouvir no celular quando ando de bicicleta ou de ônibus pela cidade; este trânsito entre as mídias é tranquilo e sem qualquer contradição. No meu caso,



vitrolas novas estão custando em torno de R\$ 600,00, um vinil novo não sai por menos de R\$ 70,00 e os vinis usados vão de preços irrisórios, como R\$ 2,00, até valores de mais de quatro dígitos (dependendo da raridade do álbum).

Então, novamente, por que ouvir discos de vinil hoje em dia? Eu consigo imaginar pelo menos quatro motivos. De início, a própria lógica de consumo que a mídia impõe: é preciso parar para ouvir, há uma audição muito mais atenta. O ritual de estar junto ao aparelho colocando os discos, virando-os, contando as faixas, posicionando a agulha, lendo as letras no encarte, traz à tona um rito que muitas vezes temos deixado de lado, que é justamente o de reservar um momento para apreciação musical, sem fazer outra coisa, sem qualquer funcionalidade senão parar unicamente para ouvir o trabalho de um artista e curtir sua musicalidade e poética.

Em segundo, as relações estéticas e de consumo que passam pelo próprio objeto material do toca-discos, do disco de vinil e do encarte. Há uma magia em ver a música inscrita nos sulcos impressos sobre aquele círculo

“EU, VOCÊ... JOÃO GIRANDO NA VITROLA SEM PARAR E EU

FICO COMOVIDO DE LEMBRAR **O TEMPO E O SOM...**

AH! COMO ERA BOM, MAS CHEGA DE SAUDADE

A REALIDADE É QUE APRENDEMOS COM

JOÃO PRA SEMPRE A SER DESAFINADOS, SER

DESAFINADOS, SER DESAFINADOS, SER...”

ga. Ao contrário de muita gente, em minha infância não havia vitrola ou discos em minha casa. Desse modo, não há qualquer saudosismo no ato. Há muita novidade na minha experiência neste tipo de consumo musical. Vale lembrar, ainda, que muitos artistas expoentes da novíssima música popular brasileira lançam seus álbuns em vinil, como Criolo, Silva, Emicida, Pitty,

especificamente, também não se refere à qualidade sonora que se costuma destacar ao comparar o digital com o vinil. Isso fazemos os mais entendidos; eu, usuário ordinário e leigo, pouco reconheço tal diferença (“tsc, tsc, tsc, que vergonha, Sérgio!”). Também não é uma questão de preço, já que o consumo de música em vinil é bem mais cara que o consumo de música digital – as



preto, as ranhuras que ditam os sons, os ritmos e o tempo de cada música. Cada um daqueles objetos – disco com uma sequência de canções e encartes com todo seu trabalho gráfico – foi pensado como a obra de alguém, pensado por inteiro e por si passa uma mensagem e causa afetações. Mas a mim, pessoalmente, me encantam os encartes. Como são lindos! E quantas surpresas eles guardam! Retirar e observar atentamente um encarte é encontrar informações surpreendentes, inesperadas parcerias entre cantores, compositores e músicos, por exemplo. É descobrir uma foto de Maria Bethânia e Jeanne Moreau (sim, a atriz francesa) fumando e cantando juntas ao piano. É desvendar a carta de Milton Nascimento dizendo as motivações da canção composta e assinando com seu icônico desenho da paisagem mineira, trenzinho de ferro fumegante cruzando as montanhas. É encontrar um poema original de Augusto de Campos. Os discos enquanto objetos nos permitem colecionar a obra de um artista de nossa admiração e acompanhar seu processo de criação ao longo dos anos.

Ainda penso que o vinil

resgata uma maneira de contemplação compartilhada de música. Ele nos convida a juntar um bando de amigos em torno da vitrola para ouvir um artista do qual gostamos, para cantar juntos, para falar a respeito. Esse caráter social do ouvir música também está no processo de compra dos discos de vinil, quando vamos aos sebos e feiras para caçar os nossos sonhados títulos a serem adquiridos. Ali paramos e conversamos com desconhecidos sobre música, cantores e movimentos artísticos (“sim, moço, aquele da capa em que o Caetano está de chapéu azul e colar de contas no pescoço!”). Há uma troca incrível de experiências e informações e novas relações podem se formar em torno do gosto comum. Aqui em Vitória, recentemente, têm acontecido encontros de amantes de vinil, onde ocorrem vendas e trocas de produtos e momentos de conversa, como o “Mercado de Vinil”, na Estação Porto das Artes, no Centro.

Por fim, acredito que a ex-

periência do vinil produz frestas no tempo. Sempre penso, ao colocar o vinil da Gal Costa com o Caetano Veloso para tocar (“Domingo”, o primeiro álbum de ambos), que aquele objeto está a rodar e emitir a mesma música, da mesmíssima forma desde 1967, e me ponho a pensar nas várias pessoas que o contemplaram e nas pessoas que ainda vão ouvi-lo depois de mim, como se todos nós compartilhássemos dessa igual experiência. Afora os rastros deixados nas capas, com recados de amor aos ídolos e dedicatórias escritas a caneta, ou ainda as estrelinhas postas na frente de cada faixa apontando a predileção de alguém por esta ou por aquela canção e o diálogo que estabeleço com ela anos depois. Há no vinil toda uma vida deixada e que ainda acontece em torno desses objetos toda vez que paramos e nos deixamos enovelar por sua melodia e por sua poesia. ■

Artigo – Sérgio Rodrigo é jornalista e apaixonado por música.



História e casos reais



Histórias e divertidos casos verídicos não faltam na prateleira e nem na memória de Cariê Lindenberg, cujo nome de batismo tem grande relevância no Espírito Santo: Carlos Fernando Monteiro Lindenberg Filho. Seu pai foi governador do Estado e fundador do que é, hoje, a Rede Gazeta de Comunicação. O bate-papo com Cariê sempre parece curto e é mais que prazeroso, é cultural.

A explicação é relativamente fácil. “Leio de tudo um pouco, mas gosto muito de história. Livros sobre Getúlio Vargas, JK, Ricardo Lacerda, li muitos.

A culpa foi da estrela

Quando assumiu o Jornal **A Gazeta**, hoje Rede Gazeta, Cariê foi convidado por um de seus repórteres, também amigo daquela época, para acompanhar a cobertura de uma onda gigante que havia invadido a vila de pescadores da Praia de Itapuã, Vila Velha.

No local, quando conversavam (ele e o repórter) com as pessoas sobre o ocorrido, “um velho pescador, com barba e rosto cheio de sal, olhou para a gente e disse: isso foi uma estrela que caiu no mar... Pronto, me encantou. Fizemos a matéria a três mãos: duas do jornalista e

conseguir um auditório para o lançamento de um livro. Ele não só a ajudou como hospedou ela e sua editora na sua casa.

“Posso ser muito sincero? Nem lembrei do meu livro. Mas como aquele copião das crônicas ficava sobre a minha mesinha da sala, um outro amigo, o Sílvio, da livraria Logos, viu e entregou a elas. A Lúcia, pegou, levou para o Rio de Janeiro e, pouco tempo depois, ligou para dizer que o livro ia ser publicado, mas com outro nome, porque o nome original era para um romance. Então, o que seria *O Silêncio não Seduz*, passou a ser *Eu e a Sorte*. Fiquei devendo um romance... (risos), mas não tenho talento para ficção.”

Assim nasceu, em 2002, pela Gryphus, o primeiro livro publicado por Cariê Lindenberg. No ano seguinte, ele publicou *O Galinha e Elas + 1/2 dúzia de crônicas de lambuja*. Este livro tem o prefácio escrito pelo amigo Luiz Carlos Mielle, falecido dia 14 de outubro deste ano. Em 2005, nasceram mais dois livros: *GLS – Entenda as entendidas e Pingos e Respingos*. Quatro anos depois, publicou *Bis + Cinco artigos e crônicas falando sério*.

Histórias para lembrar e relembrar não faltam nas memórias e nem nas estantes da casa de Cariê. Tanto escritas por ele, quanto por outros autores.

“O GOSTO PELA LEITURA SURTIU NATURALMENTE, SEGUNDO ELE, **JÁ QUE OPTOU, QUANDO JOVEM, PELO CURSO DE DIREITO.**”

Há pouco tempo resolvi ler um livro de Paulo Coelho. Afinal, tanta gente lê e gosta! Gostei”, disse Cariê.

O gosto pela leitura surgiu naturalmente, segundo ele, já que optou, quando jovem, pelo curso de Direito. Cariê é bacharel em Direito pela PUC/RJ. “Acredito que a origem disso tudo veio de forma muito burocrata. Meu primeiro cargo foi de Assessor da Justiça, de Eurico Salles – aquele que deu o nome ao Aeroporto de Vitória (risos). Depois, comecei a fazer discursos para o meu pai, quando se tornou Governador do Estado”, lembrou.

Em resumo, ler pra estar bem informado sobre os acontecimentos locais, nacionais e mundiais era fundamental para a profissão que exercia. Bastante observador dos fatos ao seu redor, ele tem preferência por histórias reais. “Não sou muito fã de ficção. Já sugeriram que eu escrevesse um romance, mas não sou bom de ficção.”

uma minha, porque achei aquela história da estrela encantadora, poética demais.”

Talvez, acredita ele, esse tenha sido o início do estímulo à escrita. Mas foi quando se aposentou da Rede Gazeta, em 2001, que Cariê deu início ao primeiro de seus cinco livros, até o momento, pois dois estão no forno, em fase de produção. Ele lembra que, ao ficar com tempo ocioso, começou a escrever crônicas, colocar tudo no papel. “Sem qualquer pretensão, fui colocando tudo no papel. Casos ocorridos comigo, com amigos, com as mais variadas pessoas. Quando juntei 60 crônicas, fiz um copião. Aí uma grande amiga, Sandra Medeiros, tentou publicar. Mas não conseguiu. As crônicas não passavam pela revisão (risos).”

O acaso

Um dia, por puro acaso, uma grande amiga, que morava no Rio de Janeiro, Lúcia De Biase Bidart, ligou para Cariê perguntando se ele poderia ajudá-la a

O que está no forno

- ▶ Relatos divertidos dos fracassos e dos êxitos dos projetos do Bandes. Já tem 40 páginas, com explicações sobre a economia do Espírito Santo até a criação do Bandes. Está com dificuldade para conseguir acesso a todos os projetos e seus respectivos resultados.
- ▶ Relatos do que Cariê Lindenberg tentou fazer e não deu certo. Uma sugestão do amigo Artur da Távola, quando finalizou o prefácio do livro *Eu e a Sorte*.

Destaques e repercussões

Crônica inédita cedida por Cariê Lindenberg

(texto em fase de revisão)

Um meu conhecido, pouco ilustrado na arte de produzir noticiário e ignorante dos jargões correntes nos meios da imprensa, com insistência, reclama o que ele entende como um erro frequente e comum aos jornalistas. Referindo-se principalmente aos profissionais da televisão, ele não percebe a importância das tarefas ligadas a destaques e repercussões presentes tanto nos jornais e revistas quanto na TV. São funções como que aparentemente invisíveis, porque os destaques na mídia impressa não vão ao ar como nas televisões, embora fiquem gravados indelévels nas cabeças e no papel da mídia impressa. Ele relatava sua frustração em aguardar dos apresentadores, sempre em vão, a prometida apresentação dos destaques e de suas repercussões. Para ele, embora se postasse ali sempre atentamente, o jornal acabava saindo do ar sem aparecerem os esperados destaques e repercussões insistentemente prometidos.

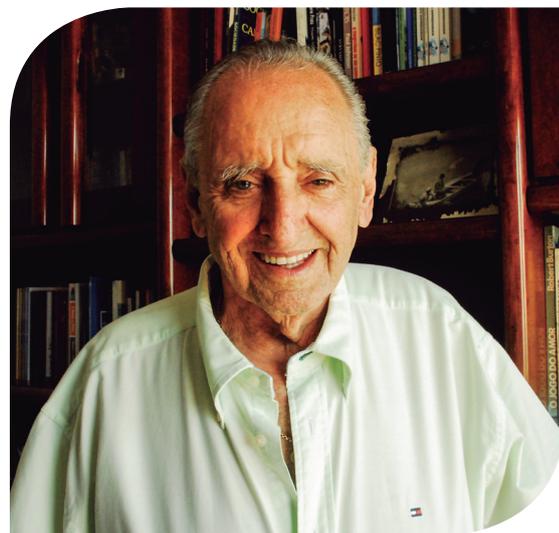
Por menor e mais rudimentar que seja o conhecimento do ofício do jornalismo, as pessoas normalmente perceberão que Destaques e Repercussões são efetivamente o banquete, o cerne do trabalho de qualquer jornalista. Os fatos mais importantes e inusitados, ocorridos onde quer que sejam do mundo, se constituem no instrumento diário indispensável ao trabalho de toda a classe jornalística, algo essencial, tão importante quanto o é o bisturi, instrumento imprescindível aos médicos cirurgiões.

No jornalismo, seja em que área se atue, em qualquer de seus

meios, escrito, falado, televisado ou via internet, as tarefas são semelhantes. Em qualquer dos casos, caberá aos iniciantes, necessariamente, aprender a distinguir, e muito rapidamente, face à necessidade da urgência na tarefa, o maior ou menor grau de importância de cada informação. Este produto prossegue sendo selecionado, apurado e depurado, destacando-se as mais importantes das outras que podem passar batidas em direção à tecla delete. Com o objetivo de se preparar para esta tarefa e alcançar o consequente sucesso então aí faz-se imprescindível também que o profissional esteja sempre atualizado sobre tudo, lendo sempre muito, no mínimo, revistas e jornais.

Contudo, o jornalista somente poderá se considerar pronto quanto souber distinguir sozinho e com segurança, o tamanho e a importância que deve ser conferida em espaço ou tempo a cada informação. Saber praticar esta distinção é de vital importância no melhor jornalismo, pois as informações chegam pela tela todas de formas idênticas, sem qualquer alerta de “destaque” ou diferenciação. Também as matérias vindas de agências ou da própria redação pelos terminais são igualmente grafadas de forma semelhante e com letras iguais.

Na verdade, para o que meu reclamante desatento não atinou foi que, para cumprir estas tarefas e fazer tudo isso, o jornalista tem que exercitar tipo uma lupa orgânica adquirida se melhor de berço, competente para selecionar todos os dias para leitores



desatentos como o meu conhecido, os destaques e ainda conferir suas repercussões. ■





GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

CONCEIÇÃO DA BARRA | Foto: Marcos Salles